

UM OLHAR PSICANALÍTICO SOBRE A INFLUÊNCIA DAS REDES SOCIAIS NA CONSTITUIÇÃO DA AUTOIMAGEM DO ADOLESCENTE

A PSYCHOANALYTIC LOOK AT THE INFLUENCE OF SOCIAL NETWORKS ON THE CONSTITUTION OF THE ADOLESCENT'S SELF-IMAGE

Leonardo Húngaro Cordeiro¹
Lorena Caroline Romano Santos²
Renan Sarto da Silva³
Geni Col Gomes⁴

RESUMO: O presente artigo busca apresentar uma análise subjetiva sobre a constituição da autoimagem e autoestima em adolescentes expostos e participantes ativos das redes sociais, sob uma ótica psicanalítica. Realizou-se uma revisão bibliográfica e teórica a respeito dos conceitos de *false self* de Donald Winnicott (1896-1971) e de *Outro* para Jacques Lacan (1901-1981), sendo estes direcionados ao período da adolescência no contexto das mídias sociais, buscando entender como estes indivíduos se projetam nestas e quais as influências delas sob sua constituição egóica no que tange ao seu olhar sobre si. Com base na necessidade de uma busca que o adolescente percorre para identificar-se com seus grupos de iguais em meio a uma sociedade ocidental capitalista e individualista, conclui-se que este estetiza seu *self* nas redes sociais a fim de enquadrar-se nos grupos e associações com as quais mais se identifica, colocando-se sob a visão do *Outro* e moldando sua imagem conforme a aprovação ou a desaprovação destas, constituindo, dessa maneira, sua autoimagem.

1368

Palavras-chave: Adolescência. Autoimagem. Psicanálise. Redes sociais.

ABSTRACT: This article seeks to present an analysis of the constitution of self-image and self-esteem in exposed adolescents and active participants in social networks, from a psychoanalytic perspective. A bibliographical and theoretical review was carried out on the concepts of false self by Donald Winnicott (1896-1971) and Other for Jacques Lacan (1901-1981), which are directed to the period of adolescence in the context of social media, seeking meaning how these we wish to project themselves, and what are their influences on their egoic constitution with regard to their look at themselves. Based on the need for a search that adolescents go through to identify themselves with their peer groups in the midst of a Western capitalist and individualistic society, it is concluded that they aestheticize their self in social networks in order to fit into groups and associations with which he most identifies, placing himself under the vision of the Other and molding his image according to the approval or disapproval of these, constituting, in this way, his self-image.

Keywords: Adolescence. Psychoanalysis. Self-image. Social networks.

¹Discentes do curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário Uningá.

² Discentes do curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário Uningá.

³ Discentes do curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário Uningá.

⁴ Docente do curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário Uningá.

INTRODUÇÃO

Em meio a uma contemporaneidade marcada pela preponderância dos adventos tecnológicos sobre a vida dos indivíduos, a constituição da autoimagem nos adolescentes pressupõe uma estrutura ideológica do meio em que o Eu, na ausência desta, encontra-se desorientado para organizar-se, a partir de suas capacidades atuais, na experiência de estruturar uma identidade (ERIKSON, 1976). Assim, na atual sociedade ocidental, o adolescente se depara com a ausência de parâmetros e de ritos de passagem que, na Idade Média, configuravam o início da vida adulta; e sua identidade, que antes era definida de antemão pela família e sua cultura local, agora passa a ser responsabilidade individualizada deste (MATHEUS, 2008). Diante deste quadro, partindo da atual inserção tecnológica e do desamparo cultural, percebe-se que a busca pela identificação acaba desbocando no uso de redes sociais como referência subjetiva, visto que é neste meio virtual, também, onde há uma interação com diferentes grupos que se identificam, se redefinem ou auto afirmam sua autoimagem, possibilitando a esse indivíduo o gozo do potencial de inclusão e aceitação. Para tanto, muitas vezes os adolescentes realizam adequações em suas características e controlam aquilo que é exposto nas redes, a fim de serem aceitos e inclusos nos grupos virtuais, culminando no fenômeno da estetização do *self*. (ROSA, 2015).

Portanto, faz-se necessário analisar as implicações do olhar do Outro sobre o Eu (dentro de uma relação virtual entre o feedback e a produção de uma imagem cada vez mais estetizada do mesmo) na constituição da autoimagem deste e na forma como ele irá se adaptar aos riscos da não aceitação. Desse modo, o presente artigo foi originado e desenvolvido com o objetivo geral de compreender a influência das redes sociais na constituição da autoimagem na adolescência.

1369

METODOLOGIA

Para a concepção e fundamentação do presente artigo, foi proposta a elaboração de uma reflexão psicanalítica fim de analisar a relação da adolescência com a influência das redes sociais tais como o *Instagram*, o *Facebook* e o *Twitter* por exemplo. Para tal realização foi lançado mão de um levantamento bibliográfico e de artigos indexados na base de dados Scielo (Scientific Eletronic Library OnLine) e em sites de revistas, datados a partir do ano de 1999 até o ano de 2017, selecionando-se 13 artigos e 3 livros que embasam o tema abordado, em língua portuguesa. Para tanto, foi utilizado para a pesquisa as seguintes palavras chaves: autoimagem na

adolescência; adolescência; constituição da autoimagem na adolescência; influência das redes sociais na adolescência; *falsoself*; e visão psicanalítica sobre autoimagem na adolescência.

Ademais, e de acordo com Alves-Mazotti (2002), este estilo de reflexão objetiva construir uma contextualização para o problema vigente no artigo bem como proporcionar a análise das possibilidades percebidas na literatura examinada para melhor compreensão e adequação do referencial teórico da pesquisa. Destarte, a adoção da reflexão psicanalítica como metodologia permite, a partir da análise dos materiais selecionados em procedência, a elaboração de uma contextualização ao tema e aos problemas levantados e possibilita a validação inicial ao quadro teórico utilizado na investigação realizada na pesquisa em questão.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Definição de adolescência e surgimento do termo

O termo adolescência vem do latim *adolescere*, que significa crescer (Schon-Ferreira, Aznar-Farias & Silves, 2010). Segundo Melvin e Wolkmar (1993), a primeira utilização do termo *adolescere* está localizado na língua inglesa, no ano de 1430, com o objetivo de definir o indivíduo que tem entre 14 a 21 anos para o sexo masculino e dos 12 aos 21 anos para o sexo feminino, referente àquele século. Este fato revela que, aproximadamente até o século XV, o

1370
sujeito que passava pela fase da infância e atingia a idade próxima aos 13 anos era considerado, socialmente, um adulto, compartilhando da mesma identidade.

Segundo Matheus (2008), a versão latina do termo *adulescentia* já tinha seus indícios de utilização na idade do Império Romano, nos séculos I e II, para descrever e delimitar um determinado período específico da vida dos indivíduos sob os preceitos da vigente hierarquia patriarcal. Neste momento, moral, sexualidade e política eram consideradas como articulados em um todo único, não havendo separação entre público e privado. Diante isto, a *adulescentia* era tida como o período anterior à participação do indivíduo na vida comunitária, que ocorria apenas a partir da *iuventus*. Posteriormente, na Idade Média, embora houvesse registros do uso do termo, o entendimento deste não era consensual e se referia à descrição erudita das diferentes fases da vida. Neste período, a adolescência não era vista como uma fase anterior à fase adulta em termo qualitativo, muito pelo contrário, crianças e adolescentes eram tidos como adultos em miniatura necessitando apenas crescer, levando-se em consideração seu desenvolvimento em termos apenas quantitativos (GARROD, SMULYAN & KILKENNY, 1995, *apud* SOUZA, 2013).

Concomitante à Idade Moderna surge a noção de adolescência enquanto período de turbulência e crise, concepção esta que se perpetua até a contemporaneidade. Neste período, a partir da mobilidade social emergente, os indivíduos, a partir de suas singularidades, passam a se responsabilizar por suas próprias escolhas e caminhos, sendo assim livres para construir sua realidade em meio a uma aparente dicotomia entre público e privado. É a partir deste período que a adolescência é entendida como um momento da vida previamente estabelecido que perpassa por turbulências inevitáveis pelas quais cada indivíduo deve passar no intuito de conquistar a condição de “indivíduo”. Assim, a “crise” diz respeito a estas turbulências, fruto do exercício da interioridade de cada indivíduo em relação ao desamparo que a condição (imaginária) de autonomia pressupõe, servindo como meio pelo qual o sujeito atinge o estatuto de indivíduo (MATHEUS, 2008).

O conceito em si consiste em compreender uma etapa da vida de um indivíduo entre a infância e a vida adulta, que, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), diz respeito à segunda década de vida, dos dez aos vinte anos. Entretanto, no Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) compreende a adolescência como o período dos doze aos dezoito anos.

Para além deste, o conceito de adolescência também pode ser compreendido como um processo biopsicossocial marcado por grandes transformações físicas, psíquicas, comportamentais e sociais vividas na transição entre a infância e a vida adulta, e que, em geral, se inicia a partir das mudanças corporais tidas pela puberdade e termina com a inserção social, profissional e econômica na idade adulta (FORMIGLI; COSTA; PORTO, 2000). 1371

Apesar de que, estando a adolescência à primeira vista associada às mudanças físicas e biológicas da idade, isto é, à puberdade, é importante ressaltar que esta não transforma, por si só, a pessoa em um adulto, sendo necessárias mudanças cognitivas, sociais e de perspectiva sobre a vida para o alcance da maturidade. A puberdade é marcada pela maturação biológica adulta com dimorfismo sexual para reprodução, sendo vivenciada na adolescência que, mais do que isto, é o período que corresponde à adaptação às novas estruturas físicas, psicológicas e ambientais, sendo que esta sofre influências daquela. Embora haja a proposta de uma universalidade acerca do estágio da adolescência, a mesma é vivida de acordo com as particularidades de cada indivíduo, a partir de uma inserção histórica e cultural, de acordo com o gênero, o grupo social e a geração (MARTINS; COLS, 2003 *apud* SCHOEN-FERREIRA; AZNAR-FARIAS; SILVARES, 2010).

Portanto, verifica-se que a adolescência é uma etapa da vida na qual há um conjunto singular de aspectos biopsicossociais que construirão a identidade (de forma abrangente) de um

indivíduo, estruturada pela cultura, pela história e pelo contexto social de sua época, preparando-o para as responsabilidades da vida adulta.

Autoimagem e adolescência

No que diz respeito à autoimagem do adolescente, segundo Outeiral (1994), este apresenta elevado grau de ansiedade e também de formulações fantasiosas conscientes e inconscientes com relação ao seu processo de “adolescer”, ao seu próprio corpo, diante das transformações físicas vivenciadas na puberdade que fogem de seu controle e às quais ele responde passivamente, o que acaba por culminar em um afastamento e isolamento deste em relação ao seu grupo social. É impossível, portanto, falar de adolescência sem falar de corpo, pois a relação entre adolescência e puberdade, entre o psicossocial e o biológico, é o que formará o *self* e a autoimagem daquele indivíduo em constituição.

[...] as intensas transformações físicas desta idade, influenciam todo o processo psicossocial de formação da identidade do adolescente. A construção de uma identidade pessoal neste período, inclui, necessariamente, a relação com o próprio corpo. (CHIPKEVITCH, 1987 *apud* CANO *et al.*, 1999, p.1).

Diante da necessidade de amparo frente às mudanças corporais, o adolescente tentará se organizar identificando-se com o adulto já constituído, sendo inicialmente com os pais e professores e ampliando isso aos ídolos musicais e esportivos, por exemplo (TIBA, 1986 *apud* CANO *et al.*, 1999). Em uma segunda etapa de constituição da sua autoimagem, o adolescente irá se equiparar no seu grupo social, o qual constitui um importante modelo de identificação em que ele se baseará para ajustar-se na sociedade (OUTEIRAL, 1994). Será nas roupas, na linguagem – e principalmente no tocante às gírias e dialetos usados interiormente no grupo- e nos atos que o adolescente irá se equiparar e se comparar mediante o Outro (neste caso, o grupo), aceitando ou rejeitando (em maior ou menor grau) o seu próprio corpo, constituindo sua autoimagem nesta idealização do grupo.

Segundo CANO *et al.* (1999), o reconhecimento de que há uma busca por um modelo de identidade, durante a adolescência, permite inferir que este indivíduo investe boa parte de sua energia nesta procura, pois tenta enquadrar-se em um grupo que o represente, constituindo, a partir de sua imagem corporal, sua autoimagem.

A constituição do sujeito para Winnicott

Ao nascer, o bebê não constitui uma unidade em si, encontrando-se em um estado de absoluta dependência do ambiente externo, o qual lhe é apresentado mediante uma mãe

suficientemente boa através da satisfação de suas necessidades fisiológicas que, a princípio, são absolutas. Neste contexto, o desenvolvimento psíquico do Eu ocorrerá dentro de um determinado enquadre em que a criança será capaz de criar, gradualmente, um ambiente pessoal suficientemente similar ao ambiente percebido, que a capacitará, posteriormente, a se desembaraçar do mesmo (SANTOS, 1999).

Nas primeiras semanas após o nascimento do bebê, de acordo com Winnicott (2000), a mãe realiza uma regressão à fase da criança, alcançando uma sensibilidade exacerbada com relação à mesma, assim como às suas necessidades e, posteriormente, se recupera deste estado “doentio” à medida que o bebê a libera. Esta relação primitiva mãe-bebê, Winnicott denomina de *preocupação materna primária*.

O autor entende como uma mãe suficientemente boa aquela que se adapta perfeitamente às necessidades do bebê e exerce as três funções que lhe concernem: a apresentação do objeto, o “*holding*” e o “*handling*” (WINNICOTT, 1982). A primeira diz respeito à oferta do seio ao bebê quando este estiver pronto a imaginá-lo, para que este possa ter a ilusão de que criou o objeto – apresentado de forma real quando é esperado- como uma experiência de sua onipotência. A segunda função materna, denominada “*holding*” consiste na atitude protetiva da mãe com relação ao seu bebê contra perigos físicos, considerando a sensibilidade cutânea, auditiva e visual. Aqui, cabe à mãe “segurar” e oferecer sustentação ao bebê tanto em seu aspecto físico quanto psíquico, apresentando-lhe o mundo externo, gradativamente, para que haja uma interação entre espaço e tempo. Ademais, no que diz respeito ao “*handling*”, esta função se refere ao manejo da mãe para com o bebê nos cuidados que a mesma oferece, sendo necessário para o bem-estar da criança (AMADEU; HARTMANN, 2005).

1373

Conforme explanado por Santos (1999), a partir do desempenho destas funções, a mãe proporciona um ambiente suficientemente bom para que o bebê possa permanecer em um estado de isolamento imperturbado, criando sua vida fantasiada em um mundo que seja sentido como só seu, no qual, posteriormente, irá se alojar um aparelho psíquico e uma organização dos processos de pensamento. O bebê que não tem consciência do suprimento das suas necessidades pelo objeto pode entregar-se à fruição de um movimento espontâneo de modo que, quando o ambiente externo for descoberto, não haja uma perda no sentido do *self* e constitua-se, assim, a partir da evolução psíquica do bebê, um verdadeiro *self*, favorecendo a ausência de fatores patológicos.

Em contrapartida, quando não há a devida adaptação desta mãe às necessidades da criança, expressando-se, assim, como uma mãe insuficientemente boa, o bebê é obrigado a reagir

às experiências –sentidas como invasivas-, perdendo o sentido do *self*. Destarte, a criança é impossibilitada de atribuir sentidos, significados e de organizar estas experiências em decorrência da fenda profunda que a atravessa, caindo no não-senso. Isto faz com que seja produzida uma distorção psicótica da organização entre o ambiente e o indivíduo, perdendo-se o sentido da integridade do *self* na medida em que o sujeito retorna ao isolamento primário (SANTOS, 1999).

Além das falhas na adequação da mãe às necessidades do bebê poderem favorecer neste um estado de angústia impensável, no qual prevalece o medo de aniquilamento de sua existência e a ruptura de uma linha de continuidade do ser, favorecem também o surgimento de uma organização defensiva como repúdio à invasão ambiental, ocasionando uma personalidade patológica, como a personalidade esquizoide, o estado limítrofe, a esquizofrenia latente, o autismo e, ainda, a personalidade construída como falso *self* (WINNICOTT, 1982).

O falso *self* é entendido como um aspecto do verdadeiro Eu que tem como finalidade ocultar e proteger este das intrusões do ambiente externo, em uma atitude materna fixa, reagindo às falhas de adaptação em um padrão que corresponde ao padrão das falhas, preservando, assim, a continuidade do ser (WINNICOTT, 2000). Esta constituição lança mão de uma estratégia de sobrevivência baseada na resignação, em que sobreviver é mais importante que viver, protegendo o verdadeiro *self* de regressões a estados de não-integração.

1374

A formação do falso *self* constitui o traço principal da reação do bebê a não-adaptação da mãe, originando-se essencialmente no comportamento da mãe com o bebê, pois há uma dependência absoluta dele em relação à mãe, ou seja, a resposta dos gestos espontâneos (*self* verdadeiro) do bebê (AMADEU; HARTMANN, 2005, p. 29).

Segundo Winnicott (1978 *apud* AMADEU; HARTMANN, 2005), o ambiente de maturação do bebê deve se apresentar em uma continuidade com relação ao seu desenvolvimento psíquico, sendo que aquele tem de ser mediado e adequado pela mãe de acordo com as necessidades da criança. A adaptação da mãe a estas necessidades nunca é completa, porém deve ser contínua, para culminar em um desenvolvimento saudável do bebê, propiciando um ambiente uniforme. Quando não há previsibilidade com relação a este processo de adequação da mãe para com o bebê, o ambiente torna-se traumático.

O estádio do espelho de Lacan

A obra do estádio do espelho de Lacan representa uma releitura da obra de Freud, como aponta Martello (2001). Segundo a autora, este conceito “[...] pode ser verificado tanto nas crianças entre 6 a 18 meses quanto com alguns animais, e consiste basicamente na apreensão dos

efeitos que a imagem do espelho fornece nesses casos.” (MARTELLO, 2001, p.1) A imagem projetada no espelho é investida libidinalmente pela criança (a qual se encontra em descoordenação motora) e sua projeção fornece a primeira matriz do jogo de suas relações libidinais, visando a unificação do fragmentado (corpo).

Destarte, a imagem que é dada ao Eu, representando a identidade, é uma ilusão entre o Eu e seu reflexo no espelho, provocando na criança o desejo de atestar o valor dessa nova atribuição. Entretanto, o sujeito se perde nessa busca e, portanto, instaura-se a estrutura de uma dinâmica narcísica que nunca se completa, cujas consequências revelam a linguagem como o registro por meio do qual o outro mediatiza e valida a constituição da imagem do Eu, ou seja, “que o outro reconheça no Eu essa imagem através da qual o Eu se apresenta e na qual está alienado” (MARTELLO, 2001, p.2).

Assim sendo, na identificação primária pertinente a este estágio, ocorre a identificação da subjetividade com o outro, pelo desejo de reconhecimento do outro, o que coloca o próprio sujeito como rival de si. A posteriori, com a identificação secundária, assim como com o desfecho do Complexo de Édipo, tem-se a noção do ideal de eu, que atua apaziguando a rivalidade construída na identificação primária, regulando o desejo.

A internet, as redes sociais e suas possíveis influências

A internet, assim como o avanço da tecnologia em geral, trouxe para a contemporaneidade grandes modificações no modo de vida da sociedade, desde a maneira como as informações são transmitidas até nos modos de relações intersubjetivas (PEREIRA; TOKUDA, 2017). Os *sites* de redes sociais de internet começaram a surgir no final da década de 1990, modificando a maneira como as relações interpessoais se constituiriam a partir da expansão deste meio de comunicação (ROSA; SANTO, 2013 *apud* ROSA, 2015). Ainda de acordo com os autores, “as redes sociais são sistemas que integram grupos de pessoas com os mesmos gostos e interesses, a fim de estabelecerem vínculos afetivos” (PEREIRA; TOKUDA, 2017).

O advento desta tecnologia proporcionou que as relações interpessoais transpassassem para além das fronteiras do tempo e espaço que existem entre elas, ocasionando, possivelmente, implicações na constituição da subjetividade de quem utiliza as redes sociais. Além disso, o cotidiano do indivíduo tornou-se aberto para a coletividade virtual, interligando, por meio de fotos, vídeos e comentários, o que ocorre no mundo presencial com o mundo das redes sociais (ROSA, 2015). É neste contexto que surge uma subjetividade exteriorizada e solitária, sem tempo para a auto reflexão (MOREIRA, 2010 *apud* ROSA, 2015) assim como uma subjetividade mais

interativa, criativa e com mais recursos (devido à internet) do que as anteriores (SAKOMOTO; FERNANDES, 2012 apud ROSA, 2015).

Pesquisas que se voltam à internet e suas repercussões na subjetividade visam geralmente, desvendar a lógica da mesma e compreender essas possíveis implicações na identidade dos indivíduos (ZARGHOONI, 2007 apud ROSA, 2015).

As redes sociais dispõem de ferramentas para que o usuário selecione aspectos considerados mais convenientes de acordo com as circunstâncias, com o grupo e com os interesses envolvidos nas interações mediadas pelas mesmas (ROSA; SANTOS, 2013, 2014 apud ROSA, 2015). Este fator evidencia que o indivíduo, ao adentrar nas redes sociais, se representa de forma estetizada, ou como em uma estetização do *self*, visto que há a possibilidade de selecionar os aspectos sobre si que lhe convém expor e ocultar traços de sua personalidade e de seu caráter que, para ele, são indesejáveis diante de um contexto ou outro em tal ambiente. (GOFFMAN, 1975/2009 apud ROSA, 2015). Ainda segundo os autores:

[...] na medida em que os textos, as imagens e os vídeos postados passam a representar os usuários que se auto apresentam e que interagem entre si, há uma estética da existência no ambiente virtual das redes. Estética essa que revela o que acontece no universo relacional e, conseqüentemente, intersubjetivo dos usuários. [...] o fenômeno da estetização do *self*, sob esta perspectiva, vincula participantes entre si e engendra um processo dialético de produção subjetiva que pode vir a ratificar, a retificar ou simplesmente a propagar o que se publica nesses ambientes. (ROSA, 2015, p. 435).

1376

Pode-se perceber que, nas relações interpessoais permeadas pelas redes sociais há uma relação intrapessoal de constituição da identidade, pois, segundo Rosa (2015, p. 437) “[...] as redes sociais tem a capacidade de fomentar afecções ou a elaboração de conflitos psíquicos”, dos quais serão discutidos os possíveis efeitos e suas discrepâncias da autoimagem que o indivíduo tem de si do que é exposto neste meio.

A influência do Outro

Cercados pelas redes sociais, grupos sociais cada vez mais seletivos e padrões estereotipados, a identificação com o Outro tornou-se um objetivo laborioso a ser alcançado e conquistado pelos adolescentes ocidentais, pois o indivíduo vivencia uma sensação de “diferença” em relação ao mundo dos outros, dos “iguais”, aqueles cuja imagem parece coincidir com o que se esperaria encontrar, idealizando alguma espécie de ideal suposto da forma do corpo e do Eu (GRECO, 2011).

De acordo com Greco (2011), o adolescente encontra-se em uma situação de desamparo devido ao rompimento de uma relação infantil e dependente de seus pais, num momento de

elucidação diante da falta do pai, o que lhe causa uma crise indenitária, visto que o mesmo é surpreendido com o Real da puberdade, o que o leva a encarar a fixação do gozo e a ausência de um local de pertencimento pré-determinado. Ainda de acordo com o autor, “absolutamente só, o adolescente se confrontará com um lugar vazio [...] que ele terá que elaborar [...] para tratar a dimensão singular do desejo e produzir daí um sujeito responsável por seu gozo.” (GRECO, 2011). É esperado do adolescente seu desligamento da autoridade dos pais e o seu lançamento ao mundo dos adultos, onde deveria ser capaz de falar por si.

Estando submerso neste contexto de transição, o adolescente vive o luto da separação da autoridade parental em que ele se apoiou para a construção inicial de uma autoimagem, assim como o luto da perda do corpo infantil acompanhado de sensações e tensões físicas e pulsões sexuais e deve, neste momento de privação fálica, apoiar-se no conceito de Ideal de Eu, para seu reconhecimento simbólico e imaginário frente ao Outro. (GRECO, 2011).

Pode-se inferir que as redes sociais surgem como um amparo do que lhe foi retirado, já que ele possuía o falo imaginário enquanto criança e agora deixa de tê-lo, passando a ser visto apenas como um ser em transição. O adolescente sente que não pertence nem a um lugar, nem a outro, o que passa a ser um fator gerador de ansiedade e faz com que o adolescente se mova em busca de representatividade e pertencimento frente a um outro ser ou grupo. Assim, utilizando das ferramentas que a rede social dispõe, este irá buscar um encontro com seus iguais, criando e participando de “bolhas sociais” a partir de uma estetização de seu *self* como forma de ser aceito por um grupo com o qual se identificou.

1377

Assim, nota-se que o investimento libidinal para outros objetos se torna necessário na adolescência ao passo que parte deste segue direcionada ao Eu, ao ideal para onde o amor, antes infantil e real, é agora direcionado. É possível inferir que o Eu Ideal é uma instância imaginária, uma projeção, que só pode, de fato, vir a se constituir a partir da posição simbólica assumida pelo sujeito, que vem a ser o Ideal de Eu, como uma introjeção da imagem paterna da função do Ideal de Eu (FREUD, 2010).

No que diz respeito ao Eu Ideal, este pode ser compreendido enquanto figura narcísica, em uma união entre o que o sujeito sente como sendo seu eu e a imagem dele mesmo. Nessa perspectiva, o Eu Ideal corresponde às expectativas do Outro, se colocando como objeto para este, a fim de cessar a angústia e o desamparo proveniente da castração. Em contrapartida, o Ideal de Eu configura-se como um substituto simbólico a este narcisismo primário, substituindo as instâncias parentais desta cena inicial (reconhecimento da não autoridade paterna) por instâncias que expressem a admiração do sujeito, de modo que este procure se aproximar, se

identificar a estas instâncias tidas como um ideal, para poder autorizar o próprio desejo, a maneira de se amar (FREUD, 2010).

Pode-se inferir que o adolescente estará sujeito a recorrer ao Eu Ideal durante a adolescência pois tal período é permeado e caracterizado por momentos de angústia e desamparo frente a questões simbólicas e imaginárias que perpassam e colaboram para com sua constituição na busca do seu Ideal de Eu que oferecerá ao Outro.

CONCLUSÃO

Na sociedade ocidental capitalista contemporânea, a adolescência é vista como um processo biopsicossocial, em que ocorrem mudanças físicas, psíquicas, comportamentais e sociais num período correspondente à transição entre as fases da infância e vida adulta, que tem seu início marcado por mudanças corporais tidas pela puberdade e terminando com a inserção social, profissional e econômica do sujeito na idade adulta.

Assim sendo, pela ausência de ritos de passagens simbólicos nas sociedades atuais, o adolescente se vê em um desamparo marcado pelo encontro com o Real da puberdade, o que o faz encarar a fixação do gozo e a ausência de um local de pertencimento pré-determinado na sociedade.

1378

Frente a esta situação de desamparo, as redes sociais se apresentam aos adolescentes como meios de que os mesmos podem lançar mão para o estabelecimento de relações interpessoais, visando se equiparar ao seu grupo social de iguais, o qual constitui um importante modelo de identificação em que o indivíduo se baseará para ajustar-se na sociedade, ao passo que estabelece igualmente uma relação intrapessoal, procurando constituir sua autoimagem e sua identidade.

Tendo em vista o conceito e função de *false self* para Winnicott, a partir das ferramentas disponibilizadas pelas redes sociais, o adolescente, procurando se identificar e pertencer a um determinado grupo social pode realizar uma “estetização do *self*” que, embora diferentes em termos de estrutura e constituição, atua de maneira semelhante ao conceito proposto por Winnicott, ocultando e protegendo partes do verdadeiro eu e, assim, a partir de uma estetização, selecionar aspectos sobre si que lhe convém expor aos demais e pelos quais ele se apresenta, buscando uma maior aceitação frente ao grupo com o qual se identifica.

Ademais, pela correlação entre os conceitos de Eu Ideal, Ideal de Eu e do Outro lacaniano, pode-se observar a importância do olhar e da presença do Outro na constituição do Eu. Assim, por mais que este adolescente busque se constituir enquanto ser individual e se moldar conforme seus gostos, preferências e identificações, a presença e o olhar deste Outro -seja ele a sociedade

ou um indivíduo específico- influenciarão tanto na formação do Eu Ideal quanto na de Ideal de Eu.

No que diz respeito ao Eu Ideal, o adolescente almeja a aprovação e aproximação deste Outro visando cessar a angustia decorrente do processo de castração, pois, este já não possui mais o falo e encontra-se imerso no desamparo trazido por tal processo, sendo necessário então que este Outro o veja como um objeto possível de lhe oferecer algo, moldando-se e preparando seu Eu Ideal para ser consumido por aquele conforme os ditames deste indivíduo ou grupo.

Já no que tange ao Ideal de Eu, em um primeiro momento, pode-se entender que este não sofrera influência do Outro, pois seria a constituição simbólica relativamente boa do indivíduo adolescente para que possa enfim se expor. No entanto, apesar do Ideal de Eu adolescente ser uma constituição simbólica e um substituto relativamente pronto para se expor, desejar e almejar frente aos desejos do Eu, este também sofrerá influência do Outro, pois, moldar-se-á mediante aos *feedbacks*, que virão através das redes sociais, colocando ou não em cheque alguns conteúdos mais ou menos bem estabelecidos ao Eu adolescente.

Pode-se inferir que é nesta busca do adolescente a fim de enquadrar-se em um grupo relativamente representativo que a internet e, conseqüentemente, as redes sociais, farão um papel importante na vida do mesmo, especialmente no que tange à formação de sua autoimagem, produzindo a possibilidade do adolescente pertencer a determinados grupos virtualmente. Logo, é frente a estes grupos nas redes sociais que o adolescente irá se expor, se auto avaliar e também se moldar sócio e psiquicamente conforme obtém um *feedback* positivo ou negativo dos seus semelhantes.

1379

REFERÊNCIAS

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. “revisão bibliográfica” em teses e dissertações: meus tipos inesquecíveis – o retorno. In: BIANCHETTI, Lucídio.; MACHADO, Ana Maria Netto (Org.). *A bússula do escrever: desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações*. São Paulo: Cortez, 2002.

AMADEU, Vanessa Thalita Romanini; HARTMANN, Jane Biscaia. O binômio mãe – bebê na UTI neonatal: A mãe que eu tenho e a mãe que eu preciso. *Iniciação Científica CESUMAR*, v. 07, n.1, p. 25-40,2005.

CANO, Maria Aparecida Tedeschi *et al.* Autoimagem na adolescência. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, v.1, n.1, 1999.

ERIKSON, Homburguer Erikson. *Identidade, juventude e crise*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

FORMIGLI, Vera Lúcia Almeida; COSTA, Maria Conceição Oliveira; PORTO, Lauro Antonio. Avaliação de um service de atenção integral à saúde do adolescente. *Cadernos de Saúde Pública*, v 16, n. 3, p. 831-841,2000.

FREUD, Sigmund. *Introdução ao Narcisismo, ensaios de Metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. In: *Obras completas*.v. 12. São Paulo: PenguinClassicas Companhia das Letras, 2010.

GRECO, Musso. O corpo adolescente. Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais. *Almanaque On-line*,n. 8, 2011.

LAZARINI, Gabriela. Escritos sobre a clínica psicanalítica na adolescência. *Estudos de Psicanálise*, n. 51, p.163-170, 2019.

LEWKOVITCH, Andréa Di Pietro; GRIMBERG, Angélica Bastos Freitas Rachid. A atualidade dos conceitos freudianos de eu ideal, Ideal do eu e supereu. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, v.16, n.Spec., p. 1189-1198, 2016.

MARTELLO, Andréa. *Disciplina Virtual: O Estágio do Espelho*. 2001. (Desenvolvimento de material didático ou instrucional - Ensino à distância).

MATHEUS, Tiago Corbisier. Quando a adolescência não depende da puberdade. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia*, v. 11, n. 4, p. 616-625, 2008.

MELVIN, Lewis; VOLKMAR, Fred. *Aspectos clínicos do desenvolvimento na infância e adolescência*. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

OUTEIRAL, José Ottoni. *Adolescer: estudo sobre adolescência*. Porto Alegre: Artes médicas, 1994.

1380

PEREIRA, Regi Moraes; TOKUDA, Andre Massao Peres. O amadurecimento emocional e o falso self: Discutindo a Auto Exposição nas Redes Sociais. *Revista Conexão Eletrônica*, v .14, n. 1, 2017.

ROSA, Gabriel Artur Marra. Estetização do self e elaboração psíquica: repercussões das redes sociais na subjetividade. *Academia Paulista de Psicologia*, v. 35, n. 89, p. 424-440, 2015.

SANTOS, Manoel Antônio dos. A constituição do mundo psíquico na concepção winnicottiana: uma contribuição à clínica das psicoses. *Psicologia: Reflexão e Crítica*,v. 12, n.3,1999.

SCHOEN-FERREIRA, Teresa Helena; AZNAR-FARIAS, Maria; SILVARES, Edwiges Ferreira de Mattos. Adolescência através dos séculos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 26, n. 2, p. 227-234, 2010.

SOUZA, Andréa Xavier de Albuquerque de. *Paternidade e maternidade na adolescência: produção de saberes e sentidos compartilhados por adolescentes*. Tese em Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

VOSGERAU, Dilmeire Sant'Anna Ramos; ROMANOWISK, Joana Paulin. Estudos de revisão: implicações conceituais e metodológicas. *Revista Diálogo Educacional*, v. 14, n. 41, p. 165-189, 2014.

WINNICOTT, Donald Woods. *O ambiente e os processos de maturação: Estudos sobre a teoria do desenvolvimento*. 1. ed. Porto Alegre: Artmed, 1982.

WINNICOTT, Donald Woods. *Da Pediatria à Psicanálise: Obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago Ed, 2000.